

AO GOSTO DO INVESTIDOR

José Negreiros e Regina Alvarez
Da equipe do Correio

Nesses dias de grande nervosismo causou alvoroço a chegada a Brasília do economista Arminio Fraga, ex-diretor da área externa do Banco Central, que mora em Nova York e trabalha com o megainvestidor George Soros. Fraga mantém relacionamento estreito com integrantes da equipe econômica e esteve na quarta-feira à noite reunido com o presidente Fernando Henrique Cardoso, o presidente do Banco Central, Francisco Lopes, e o economista André Lara Resende, no Palácio da Alvorada, por mais de quatro horas.

Fraga não está voltando ao governo, mas desempenha no momento um papel considerado estratégico. Trouxe de Nova York informações sobre o que a comunidade financeira internacional espera do Brasil: novas medidas na área fiscal, avanços nas reformas da Constituição e a certeza de que não haverá recuo na política de câmbio.

Os conselhos serão seguidos à risca e uma das primeiras providências deve ser a escolha de dois novos diretores para o BC, para tornar a instituição mais dinâmica aos olhos dos investidores: o substituto de Francisco Lopes na diretoria de Política Monetária e alguém para o lugar de Demosthenes Madureira de Pinho Neto na diretoria de Assuntos Internacionais, que já manifestou desejo de deixar o BC. Os novos diretores devem ser conhecidos e com trânsito na comunidade financeira internacional.

Ficou claro, na reunião do Alvorada, que o governo está disposto a fazer de tudo para reconquistar a confiança dos investidores. A equipe econômica teria concluído que só o retorno do capital estrangeiro poderá acalmar o mercado de câmbio.

Ainda não há definição sobre as novas medidas na área fiscal. Os técnicos do Ministério da Fazenda e do Planejamento asseguram que não está em gestação um novo pacote, até porque com o novo cenário decorrente da desvalorização

do real todas as contas do Orçamento estão sendo refeitas. A inflação ficará muito acima da previsão embutida na proposta orçamentária, que era de 2,5%, e isso favorece o governo, pois a receita nominal cresce e as despesas não vão acompanhar esse crescimento. Mas, do lado das reformas, o governo já prepara novidades e uma das primeiras deve ser o aprofundamento da reforma da Previdência (veja matéria na página 3).

DUVIDAS

A receita dos investidores é clássica e prevê mais aperto fiscal. Mas o aumento dos juros, se, por um lado, reduz o risco da inflação; por outro, tem feito crescer as dúvidas no exterior sobre a capacidade do Brasil de honrar suas dívidas.

Arminio Fraga avaliou na conversa com o presidente que considera a situação do Brasil sob controle, mas relatou em outros contatos com o governo que a imagem do país lá fora está pior por falta de informação. Principalmente os investidores europeus não teriam noção do que realmente está acontecendo no Brasil. A cobertura dos correspondentes estrangeiros tem sido considerada irresponsável por integrantes da equipe econômica, com exageros e distorções.

Analistas do mercado acham que os investidores estrangeiros estão mal informados e isso piora o clima aqui dentro, mas avaliam que o governo também contribuiu para aumentar a instabilidade. O ex-presidente do Banco Central Gustavo Loyola acha que a dissonância de opiniões dentro do governo e a manifestação de pessoas que pensam diferente da equipe econômica têm contribuído para enfraquecer o ministro da Fazenda, Pedro Malan. Ele acha que o governo tem que se mostrar mais coeso e anunciar novas medidas na área fiscal para reverter as expectativas do mercado. "É preciso redobrar a aposta na área fiscal" recomenda Loyola.

■ Colaborou Adriana Chiarini

André Corrêa



Malan almoça com líderes do PSDB e o ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga: esforço para mostrar que não há racha dentro do governo